

***A metafísica desperta: Farias Brito e o itinerário filosófico de
uma ruptura***

METAPHYSICS AWAKENS: FARIAS BRITO AND THE PHILOSOPHICAL
ITINERARY OF A RUPTURE

*Halwaro Carvalho Freire**

RESUMO

Este artigo analisa a centralidade da metafísica na filosofia de Raimundo Farias Brito, ressaltando seu papel como fundamento do pensamento filosófico autêntico. Em oposição às correntes dominantes de sua época, especialmente o positivismo, o cientificismo monista e o criticismo kantiano Brito afirma que a filosofia só se legitima ao interrogar os princípios últimos da realidade. Sua crítica à modernidade não se limita à rejeição dos limites da razão técnico-científica, mas propõe reabilitar a metafísica como eixo estruturante da razão, da moral e da unidade do saber. Com base na análise de textos fundamentais e em diálogo com intérpretes, o artigo mostra como sua filosofia representa um esforço singular de restaurar a coesão entre ciência, metafísica e ética. Conclui-se que, em Brito, a metafísica não é apenas um tema, mas a condição de possibilidade da filosofia enquanto busca de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica; Positivismo; Modernidade; Filosofia do espírito.

* Professor da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), Fortaleza, CE – Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-5954-8439> halwarocf@yahoo.com.br

ABSTRACT

This article analyzes the centrality of metaphysics in the philosophy of Raimundo Farias Brito, highlighting its role as the foundation of authentic philosophical thought. In opposition to the dominant currents of his time, especially positivism, monistic scientism, and Kantian criticism, Brito maintains that philosophy is only legitimate when it interrogates the ultimate principles of reality. His critique of modernity is not limited to rejecting the limits of techno-scientific reason but seeks to rehabilitate metaphysics as the structuring axis of reason, morality, and the unity of knowledge. Based on an analysis of key texts and in dialogue with interpreters, the article argues that his philosophy represents a unique metacritical effort to restore the cohesion between science, metaphysics, and ethics. It concludes that, for Brito, metaphysics is not just one theme among others, but the very condition of possibility for philosophy as a search for meaning.

KEYWORDS: Metaphysics; Positivism; Modernity; Philosophy of spirit.

Introdução

Ao longo da história da filosofia brasileira, poucos pensadores se destacaram por uma crítica tão profunda e sistemática à razão moderna quanto Raimundo Farias Brito. Situado no final do século XIX e início do século XX, seu pensamento representa uma tentativa singular de reintegrar a metafísica ao cerne da atividade filosófica, num momento histórico marcado pela hegemonia do cientificismo, do positivismo comtiano e da ascensão de correntes como o evolucionismo e o neokantismo. Para Brito (2012a), a filosofia não pode prescindir da pergunta pelo fundamento: ela só se constitui plenamente enquanto tal na medida em que se orienta para o absoluto, para os princípios últimos que conferem inteligibilidade à experiência e à ação.

Diferentemente de uma simples oposição às filosofias dominantes de seu tempo, a crítica britiana emerge de uma exigência

interna da razão filosófica: restaurar a unidade entre ciência e metafísica, entre conhecimento e valor, entre ser e dever-ser.

Nesse horizonte de pensamento, compreende-se que, para Farias Brito, a filosofia não pode restringir-se ao âmbito do empírico ou do meramente fenomênico, pois sua tarefa essencial consiste em ultrapassar o plano dos fatos observáveis para alcançar a dimensão do absoluto. É nesse movimento que ela se configura como um saber mediador, capaz de articular a racionalidade científica e a dimensão espiritual ou religiosa da existência. A filosofia, portanto, não é um simples prolongamento da ciência nem uma forma de teologia disfarçada, mas o espaço em que ambas encontram o seu princípio comum: a busca de um fundamento último que confere sentido à totalidade do real.

Em sua análise crítica, Brito identifica no positivismo comtiano uma tendência a reduzir a realidade a explicações mecanicistas, desconsiderando a dimensão espiritual e moral do ser humano. Ele argumenta que tal abordagem empobrece a compreensão da existência e compromete a busca por um sentido mais profundo para a vida humana. Como destaca Paim (1999, p. 210), “Farias Brito não se opõe à ciência, mas ao seu reducionismo: ele aponta que, ao afastar-se do metafísico, a ciência perde o seu sentido último, tornando-se uma mera técnica”.

A proposta de Farias Brito não se limita a uma crítica negativa; ela busca, antes, uma reconstrução filosófica que permita a reconciliação entre ciência e metafísica. Tal projeto revela-se, portanto, como uma tentativa de superar a dicotomia entre ciência e metafísica.

Ao enfatizar a importância da metafísica e da moral prática, Farias Brito propõe uma filosofia que, longe de ser abstrata e desvinculada da realidade, se engaja ativamente na formação de uma sociedade mais justa e espiritualmente orientada. Paim (1999, p. 212) comenta que “a filosofia de Farias Brito não é um exercício teórico desvinculado da vida, mas uma ferramenta para transformar a realidade

social e moral, articulando a razão com um compromisso ético e espiritual”.

A reflexão ética, nesse horizonte, emerge não como disciplina autônoma ou pragmática, mas como desdobramento necessário de uma ontologia metafísica. A moral, para Brito, não se funda em convenções ou em empirismos sociológicos, mas na estrutura mesma do ser. Com isso, seu pensamento propõe uma superação da fragmentação moderna, reafirmando a filosofia como esforço sistemático de unificação do saber e da existência.

1. A metafísica como fundamento da Filosofia

A filosofia de Farias Brito se edifica, desde os seus primeiros gestos, sob o signo da metafísica. Mais do que um tema entre outros, a metafísica constitui a condição de possibilidade de sua própria reflexão filosófica. Ao contrário do espírito dominante de sua época, marcado por um cientificismo triunfante e por um pragmatismo intelectual que via na metafísica uma forma caduca de especulação¹.

Brito (2012a) compreende que nenhuma filosofia pode prescindir da pergunta pelo fundamento. Assim, sua crítica ao positivismo, ao evolucionismo e mesmo ao criticismo kantiano não se dá apenas por desacordo metodológico, mas sobretudo porque essas correntes, a seu ver, negligenciam aquilo que torna o pensamento verdadeiramente filosófico: a busca de um princípio absoluto que confira inteligibilidade ao mundo.

Essa orientação metafísica já se delineia em seus primeiros escritos, publicados nas edições de julho e novembro de 1886 do jornal

¹ Sobre a quase ausência de reflexões sobre metafísica no final do século XIX, ver os trabalhos de Carvalho (1977a); e Serrano (1942).

Libertador, de Fortaleza. Tais textos inaugurais, foram objeto de atenção cuidadosa por parte de Carvalho (1977a). Este, reconheceu nesses textos embrionários a presença de um esforço sistemático de pensar os fundamentos do real.

Ao examinar a formação filosófica de Farias Brito, Carvalho (1977) observa que o primeiro volume de *Finalidade do mundo* representa o coroamento de uma crítica abrangente aos pressupostos ideológicos da Escola do Recife. Essa crítica, no entanto, não se opera à margem, mas a partir do pensamento de Barreto (1977), cujo monismo naturalista Brito (2012a) supera, não por negação externa, mas por uma exigência interna à própria razão filosófica. O que confere unidade e profundidade à sua interlocução com o positivismo, o evolucionismo e o criticismo é a reafirmação da metafísica como condição da filosofia. Nas palavras do autor: “A filosofia é, pois, para todos os pensadores, uma concepção do universo: mas cada um deduz, dessa concepção do universo, a norma de sua conduta, conforme o seu modo de compreender a significação da natureza” (Brito, 2012b, p. 137).

Brito (2012a) concebe a filosofia como uma atividade que busca ultrapassar o conhecimento meramente empírico e analítico, exigindo, para tanto, uma abertura ao absoluto e ao fundamento último do ser. A metafísica, nesse sentido, é não apenas uma disciplina entre outras, mas a própria base da filosofia, na medida em que pergunta pelo “sentido do mundo” e por sua “finalidade última”. Assim, ele afirma: “A filosofia não é uma ciência particular como as outras; ela é a ciência do absoluto, o conhecimento dos princípios universais e necessários de tudo quanto existe” (Brito, 2012a, p. 41). Ao sustentar que a filosofia deve ocupar-se com os fins e com o sentido do mundo, ele insere-se numa tradição que remonta a Aristóteles (2006) e que entende a sabedoria como conhecimento das causas últimas. A metafísica, portanto, é o fundamento da filosofia porque é sua condição de possibilidade, o ponto de partida e

de chegada da razão em busca do sentido da existência. Como bem coloca Sanson (1984, p. 87)

A filosofia, para Farias Brito, não é possível sem a metafísica, pois esta constitui seu ponto de partida e também sua finalidade. Contra o positivismo e contra o ceticismo moderno, ele afirma que é impossível pensar sem recorrer a princípios que estejam para além da experiência imediata. Pensar filosoficamente é, pois, colocar-se diante da totalidade do ser, e isso só é possível mediante uma atitude metafísica. Nesse sentido, a filosofia é metafísica em sua essência, pois visa o absoluto, o fundamento último e a finalidade do mundo. A crítica que Farias Brito dirige ao pensamento moderno consiste exatamente na recusa dessa dimensão fundamental do pensamento, o que, segundo ele, conduz inevitavelmente à negação da razão.

O excerto de Vilson Fraga Sanson oferece uma chave interpretativa decisiva para a compreensão da posição de Farias Brito no interior da tradição filosófica brasileira. Ao afirmar que "a filosofia é metafísica em sua essência", Sanson revela o núcleo especulativo da proposta britiana, que se contrapõe frontalmente ao positivismo dominante no Brasil do final do século XIX e início do XX. A recusa da metafísica, marca do cientificismo moderno, é lida por Farias Brito não como progresso, mas como uma regressão do pensamento, pois implica — como assinala Sanson — numa “negação da razão”.

Nessa perspectiva, a metafísica não é apenas uma disciplina entre outras, mas a condição de possibilidade da racionalidade filosófica: é ela que permite a interrogação radical sobre o ser, a totalidade e a finalidade da existência. A ênfase britiana na metafísica como fundamento da filosofia recupera, portanto, uma tradição que remonta a Aristóteles (2006), mas o faz em um contexto marcado por tensões culturais e epistêmicas muito próprias do pensamento latino-americano em formação. Tal esforço coloca Farias Brito em posição singular na história da filosofia brasileira: não como um epígono do pensamento

européu, mas como um intérprete crítico que reivindica a centralidade do logos metafísico contra a dissolução fragmentária do saber moderno.

2. O combate aos limites da razão moderna

A crítica de Brito ao positivismo, especialmente ao sistema de Auguste Comte, não se limita à identificação de falhas pontuais ou excessos metodológicos; trata-se de uma objeção estrutural, enraizada na convicção de que a exclusão da metafísica representa uma mutilação essencial da razão filosófica.

Para Brito, toda filosofia genuína exige o reconhecimento da possibilidade de um saber sobre os princípios últimos da realidade. Ao interditar a investigação das causas primeiras e ao rechaçar a ideia de absoluto, o positivismo, longe de representar um avanço, constitui, na verdade, uma regressão do espírito filosófico. Nas palavras do autor: “É preciso dizer francamente: a filosofia do Sr. Augusto Comte é a negação pura e simples da filosofia” (Brito, 2012b, p. 52).

O erro fundamental do positivismo consiste em “confundir a ciência com a filosofia e, por essa confusão, suprimir, eliminar ou inutilizar o elemento metafísico” (Brito, 2012c, p. 52). Trata-se de uma negação das próprias condições do filosofar: “Se a filosofia é a investigação das causas, a filosofia positiva é a abolição da filosofia” (Brito, 2012c, p. 46). A razão, privada da metafísica, torna-se incompleta, estéril, prisioneira da aparência. Por isso, Brito (2012b, p. 92) reafirma que a tarefa do pensamento é “reconduzir a ciência ao seu verdadeiro princípio: o espírito, o pensamento, o ser espiritual”. Sua crítica ao positivismo é, portanto, inseparável de sua defesa da metafísica como o eixo estruturante da filosofia.

A crítica de Farias Brito ao monismo cientificista, especialmente aquele representado por autores como Haeckel (1908), Noiré (1874) e Büchner (1855), emerge de sua concepção da metafísica como instância irrenunciável da razão filosófica.

O monismo, ao tentar fundar a unidade do saber na homogeneidade da matéria, incorre, segundo Brito, numa redução ilegítima do real, que compromete os domínios do espírito, da moral e da liberdade. Para o filósofo, essa doutrina científica, sob o pretexto de unificação, opera uma amputação da realidade: “O que o monismo quer é uma explicação total da realidade, mas só vê esta realidade pelo lado material” (Brito, 2012c, p. 92).

Essa limitação não é apenas metodológica, mas ontológica: ao suprimir a interioridade, o monismo anula o próprio sujeito do conhecimento, dissolvendo a consciência na inércia das forças físico-químicas. Brito insiste, então, na necessidade de restaurar a metafísica como única via para pensar o ser em sua integralidade: “Não se trata de negar o valor da ciência. Trata-se de mostrar que, fora do espírito, não há realidade verdadeira, não há unidade nem fundamento possível” (Brito, 2012c p. 96).

Sua crítica ao monismo, portanto, é inseparável de sua defesa de uma filosofia do espírito, cuja tarefa consiste em reconduzir a razão à sua origem metafísica. A filosofia monística é, pois, “uma filosofia incompleta, porque não considera senão um dos aspectos do ser” (Brito, 2012c, p. 93).

Silva (2021) destaca que o filósofo cearense via na exclusão da metafísica pelas correntes filosóficas modernas uma das causas do relativismo e ceticismo contemporâneos. Silva (2021, p.40) afirma que “a proposta britiana passa pela retomada da Metafísica, numa abordagem naturalista, em vista de uma nova concepção de Religião que pudesse garantir a unidade e coesão social”.

Contra o kantismo, Brito não rejeita a crítica da razão, mas a leva a um nível mais profundo, radicalizando sua tarefa e exigindo que ela não abandone a possibilidade do absoluto. Brito afirma que “a crítica, como a entendia Kant (2010), é uma coisa incompleta; não se pode separar o conhecer do ser” (Brito, 2012c, p. 91). Tal perspectiva revela sua convicção de que “só a metafísica pode dar unidade à ciência e à vida” (Brito, 2012c, p. 145), ou seja, que a razão deve ser orientada para o acesso ao absoluto e aos fundamentos últimos da realidade.

Paim (1999, p. 142), analisando o pensamento britiano, observa que “a crítica kantiana, embora fundamental para a filosofia moderna, representou para Farias Brito um ponto de partida que exigia superação”. Para Paim, Brito (2012b) percebe que Kant (2010) separou o conhecer do ser, limitando o conhecimento ao campo dos fenômenos e, com isso, excluindo o absoluto da esfera racional. Essa limitação, segundo o filósofo cearense, resulta em uma filosofia “incompleta e incapaz de dar unidade ao saber e à experiência humana” (Paim, 1999, p. 143).

Por isso, o movimento britiano não se reduz à crítica do kantismo, mas inclui uma reconstrução filosófica que resgata a metafísica como condição imprescindível para a razão. Paim sintetiza esse movimento afirmando que “a singularidade da filosofia de Farias Brito está em sua tensão dialética entre a crítica radical da modernidade e a recuperação do absoluto, num esforço por restabelecer a unidade entre ciência, vida e espírito” (Paim, 1999, p. 145).

A filosofia de Brito distingue-se por sua postura metacrítica diante da modernidade, na qual a reintegração da metafísica ao cerne da reflexão racional constitui condição indispensável para a realização de uma filosofia verdadeiramente autêntica. Segundo o próprio Brito, “a filosofia começa onde a ciência termina: começa com a interrogação sobre o ser, com a exigência de um princípio absoluto” (2012c, p. 7). Este enunciado evidencia a centralidade da metafísica como fundamento

e horizonte da razão, desafiando o cientificismo redutor que marca o pensamento moderno.

Neste sentido, a crítica de Farias Brito não é uma rejeição do avanço científico, mas uma crítica estrutural à sua pretensão de esgotar a totalidade do conhecimento. Conforme assinala Paim (2001), é fundamental uma filosofia que tenha como finalidade, no final do século XIX, “uma retomada da metafísica que não se reduz a meras especulações, mas que funda uma concepção de razão capaz de apreender o absoluto e restabelecer a unidade entre ciência e vida” (Paim, 2001, p. 132). Para Paim (2001), essa filosofia do espírito de Brito (2012d) é um projeto que visa superar a fragmentação imposta pela modernidade, reconstituindo o sentido profundo da experiência humana através do reconhecimento da metafísica como sua condição de possibilidade.

A crítica de Brito (2012a, 2012b) ao cientificismo e ao positivismo expressa uma insatisfação radical com a limitação epistemológica da razão moderna, que exclui o ser e o absoluto do âmbito do conhecimento legítimo. Essa insatisfação é a força motriz que anima o esforço britiano em reconstruir uma filosofia que ultrapasse o empirismo e o formalismo, promovendo uma síntese entre ciência, ética e metafísica.

A crítica de Brito à razão moderna não se limita a uma rejeição das epistemologias técnico-científicas; ela antecipa, de forma singular, preocupações que seriam centrais para correntes filosóficas posteriores, como o existencialismo e a fenomenologia. Sua filosofia é, desde o início, um esforço metacrítico para restabelecer a metafísica como condição mesma do pensar.

Essa postura crítica é ressaltada por Sturm (1962), que identifica em Brito (2012a) uma antecipação das preocupações existencialistas e fenomenológicas. Sturm (1962) observa que, embora Brito (2012a) não

tenha tido contato direto com essas correntes, seu pensamento apresenta paralelos significativos: “Há na metodologia proposta por ele, e no programa filosófico anunciado por ele, um paralelo com a fenomenologia atual” (Sturm, 1962, p. 91). Além disso, Brito (2012d, p. 383) critica a psicologia científica por sua abordagem reducionista da alma, afirmando que: “Os psicólogos modernos [...] fazem desta questão da alma uma questão de pura fisiologia [...] e foi daí que se originou o pensamento de uma Psicologia sem alma”.

3. Metafísica e Ética: a Filosofia como unidade do saber

O compromisso com a metafísica torna-se ainda mais expressivo quando contrastado com a trajetória intelectual de Tobias Barreto, com quem Farias Brito manteve uma relação formativa. Tobias aderira, ao longo de sua vida, a diversas correntes, do ecletismo espiritualista ao positivismo, passando pelo monismo de Haeckel (1908) e Noiré (1874) e, a partir de 1884, ao neokantismo. Farias Brito foi seu aluno entre 1882 e 1883, justamente no período em que Barreto (1977) se encontrava sob influência do monismo. No entanto, não há registros de que o jovem acadêmico tenha se identificado com essa orientação. Nenhum traço de monismo aparece em seus escritos, o que sugere uma inflexão precoce rumo a outra perspectiva filosófica, mais preocupada com a estrutura do ser do que com as reduções fisicalistas do real.

Quanto ao positivismo, embora fosse dominante no imaginário acadêmico da juventude brasileira da época, visto como sinônimo de progresso, ciência e modernidade, sua influência sobre Farias Brito foi, no mínimo, ambígua. No norte do país, diferentemente do sul, o positivismo não se enraizou com profundidade. Como observa Laerte Ramos de Carvalho (1977, p. 50), ao analisar os *Estudos de Filosofia* —

série de nove artigos publicados no jornal *Libertador* entre julho e novembro de 1886 — é possível identificar ali traços de um “positivismo spenceriano”, ainda que moderado, no qual Farias Brito “corrige e atenua as lacunas e excessos do sistema de Comte”. No entanto, essa leitura deve ser matizada. O que se encontra nesses textos não é uma adesão à ortodoxia positivista, mas um esforço crítico de confrontar seus limites, sobretudo no que se refere à exclusão do problema moral e metafísico.

Essa orientação se confirma nos escritos posteriores, especialmente em *A Finalidade do Mundo*, em que Brito (2012a, p. 32) afirma de modo contundente que “a ciência só pode ser completa quando se liga à metafísica, porque só esta lhe pode dar unidade e finalidade”. A cisão entre o saber científico e o pensamento metafísico é, para ele, um erro grave do espírito moderno. Em sua obra, a metafísica ressurge como uma exigência de sentido, como tentativa de pensar o mundo não apenas em seus mecanismos, mas em sua razão de ser. Como ele próprio escreve: “A ciência explica os fenômenos; a filosofia procura compreender o ser” (Brito, 2012d, p. 58). Como bem aponta, Sanson (1984, p. 74-75):

A metafísica, para Farias Brito, não é uma simples especulação abstrata, mas a fundamentação indispensável para o conhecimento pleno da realidade. Ela não compete com a ciência, antes a complementa, pois enquanto esta se ocupa dos fenômenos e de suas leis, a metafísica busca a essência e o fundamento do ser. A verdadeira compreensão do mundo requer, portanto, a reintegração do saber científico à reflexão metafísica, superando a divisão moderna que fragmentou o conhecimento e empobreceu a visão do universo. Essa reintegração é o que permite atribuir sentido e unidade à existência, restaurando a dimensão do absoluto que a ciência, isoladamente, não alcança.

Em Farias Brito, a reflexão ética encontra-se indissociavelmente vinculada à metafísica. A moral não se configura como um campo autônomo de normas práticas, convenções sociais ou preceitos utilitários, mas como desdobramento necessário de uma visão de mundo articulada

filosoficamente. O agir moral, nesse horizonte, não se sustenta sem um fundamento ontológico capaz de conferir unidade e inteligibilidade à experiência. Como afirma o próprio autor, “questão moral [...] só pode ser estudada em face das verdades gerais proclamadas pela investigação filosófica” (Brito, 2012d, p. 66).

Essa concepção implica uma reorientação decisiva no estatuto da ética. Longe de reduzir-se a uma doutrina de costumes ou a uma ciência normativa, a moral surge como expressão derivada de princípios metafísicos fundamentais. Nesse sentido, o momento ético exige, como condição de possibilidade, uma convicção enraizada em verdades universais que precedem e fundamentam a ação. Como adverte Brito: “É indispensável partir do conhecimento do mundo para o conhecimento do homem, e somente depois de conhecer a marcha geral do universo se pode estabelecer preceitos e regras para a conduta moral” (Brito, 2012d, p. 70).

A ética, assim compreendida, só pode se constituir a partir de um saber mais originário: a ontologia. A exigência da metafísica se impõe, pois, como condição da inteligibilidade do agir humano. Não há, para Brito (2012d, p. 75), moral autêntica que não se inscreva numa filosofia do espírito, onde a razão reencontre sua vocação primeira de interrogar os fundamentos últimos do ser. Como assinala Matos (2012, p. 40), o pensamento de Brito (2012a) visa recuperar a “unidade perdida entre metafísica e ética, ciência e valor, conhecimento e ação”.

É nesse ponto que sua crítica ao cientificismo e ao moralismo pragmático de sua época adquire densidade filosófica. Contra as abordagens que tentam fundar a moral exclusivamente nos dados da experiência ou nas exigências sociais, Brito reafirma o primado da razão metafísica. Para ele, “a filosofia é uma tentativa de reconstrução total do mundo interior do homem [...] a moral não é uma ciência empírica, mas

uma consequência do princípio absoluto que rege o universo” (Brito, 2012c, p. 135).

A interlocução crítica de Brito (2012b, 2012c, 2012d) com o pensamento moderno, especialmente com o positivismo e o criticismo kantiano, revela a singularidade de seu projeto. A crítica britiana não tem por alvo apenas os limites da ciência ou da moral prática, mas a cisão moderna entre ser e dever-ser, entre realidade e valor, que ele busca superar por meio de uma metafísica integradora.

A filosofia moral de Brito (2012d) se distingue por sua exigência de fundamentação ontológica. Pensar eticamente, em sua perspectiva, é antes de tudo interrogar os princípios do ser, pois somente a partir da totalidade metafísica do real é possível compreender o sentido da ação. Sua obra, nesse aspecto, representa uma tentativa original de reintegrar os domínios do pensamento filosófico, articulando conhecimento, ser e valor numa mesma estrutura racional.

Considerações finais

A filosofia de Raimundo Farias Brito é marcada por uma crítica profunda à razão moderna, particularmente às correntes do cientificismo e positivismo, que, segundo o autor, fragmentam o saber e excluem a metafísica da reflexão filosófica. Para Brito, a metafísica não é uma especulação vazia, mas a condição necessária para o conhecimento verdadeiro e para a reconstrução de uma filosofia capaz de integrar ciência, ética e valores. Sua crítica ao positivismo vai além de uma oposição metodológica, sendo uma rejeição da redução do real a uma explicação meramente material e empírica, como bem observa Paim (1999).

A proposta de Brito visa restabelecer a unidade entre conhecimento e absoluto, considerando a metafísica como o princípio de totalidade indispensável à razão. Esse movimento se opõe diretamente ao kantismo, que, para Brito (2012d), limita o conhecimento ao campo dos fenômenos, ignorando a possibilidade do absoluto. Como aponta Silva (2021), sua filosofia antecipa, em certo grau, debates centrais da filosofia contemporânea, como o existencialismo e a fenomenologia.

A crítica à fragmentação do saber, presente nas obras de Farias Brito (2012a, 2012b, 2012c, 2012d), se destaca por sua tentativa de recuperar a filosofia como um saber integrado, capaz de interrogar os fundamentos últimos da realidade. Ao reintroduzir a metafísica, Brito não apenas questiona as limitações da razão moderna, mas propõe uma nova concepção de conhecimento que resgata a totalidade do ser e a unidade entre ciência, ética e vida.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2006.

BARRETO, T. *O Haeckelismo na Zoologia*. In: MERCADANTE, P.; PAIM, A. Estudos de Filosofia (org.). SP, Grijalbo, 1977.

BRITO, R. de Farias. *A Base Física do Espírito*. Brasília, Edições do Senado Federal, 2012c.

BRITO, R. de Farias. *A verdade como regra das ações*. Brasília, Edições do Senado Federal, 2012b.

BRITO, R. de Farias. *A finalidade do mundo: estudos de filosofia e teleologia naturalista*. Brasília, Senado Federal, 2012a.

BRITO, R. de Farias. *O Mundo Interior*. Brasília, Edições do Senado Federal, 2012d.

BÜCHNER, L. *Kraft und Stoff. Empirisch-naturphilosophische Studien*. Darmstadt, Jonghaus, 1855.

CARVALHO, L. R. *A formação filosófica de Farias Brito*. SP, Saraiva, 1977a.

CARVALHO, L. R. de. *Farias Brito e a filosofia no Brasil*. 2. ed. SP, Grijalbo, 1977b.

HAECKEL, E. *História Natural da Criação*. Porto, Chardon, 1908.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 7. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

MATOS, J. L. de. *Filosofia, ciência e valor: ensaios sobre a integração do conhecimento*. SP, Annablume, 2012.

NOIRÉ, L. *Die Welt als Entwicklung des Geistes*. Leipzig, Verlag von W. Friedrich, 1874.

PAIM, A. *A Filosofia Brasileira*. RJ, Biblioteca Breve, 1999.

PAIM, A. *A meditação ética portuguesa: período moderno*. SP, Tempo Brasileiro, 2001.

PAIM, A. *Filosofia no Brasil: uma história crítica*. SP, Edusp, 2001.

RIBEIRO, D. V. *Farias Brito: metafísica e espírito*. Fortaleza, EdUECE, 2008.

SANSON, V. F. *A metafísica de Farias Brito*. Caxias do Sul, EducS, 1984.

SERRANO, J. *Farias Brito: um pensador brasileiro*. SP, Nacional, 1942.

SILVA, F. J. Farias Brito e a crise da modernidade. *Perspectivas*, Palmas, v. 6, n. 1, p. 40-51, 2021.

STURM, F.G. *Existencialismo e Fenomenologia em Farias Brito sob a perspectiva de Fred G. Sturm*. 1962. Tese doutoral no IV Congresso Nacional de Filosofia (São Paulo/Fortaleza, 1962) Disponível em <https://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com/2008/06/o-significado-atual-do-pensamento.html>. Acesso em 18 de agosto de 2025.